

Valores particulares da interrogação em que ocorre “afinal”

ANA BELA AFONSO
(Instituto Camões/Universidade de Vigo)

Ao estudar a interrogação podemos concluir que interrogar é sobretudo uma actividade interenunciativa, fortemente implicadora da existência e da posição do “outro”, do destinatário (Fisher, 1992: 219; Kerbrat-Orecchioni, 1991: 10).

Situamo-nos (como já indicado no resumo da comunicação) num quadro que privilegia a ligação da interrogação à asserção (e não a entende sobretudo enquanto acto directivo).

A asserção é construída pelo enunciador quando este valida com valor positivo (afirmação) ou negativo (negação) a relação predicativa subjacente ao enunciado, na situação de enunciação em que é localizador origem.

A interrogação implica sempre a validação da relação predicativa subjacente, mas num outro espaço enunciativo, antecipadamente construído, no qual o co-enunciador (da pergunta) se instituirá como enunciador de uma asserção (resposta).

Portanto, o que caracteriza um enunciado interrogativo é que nele, o sujeito enunciador não valida a relação predicativa subjacente ao enunciado como verdadeira ou falsa. Antes remete essa tarefa para o co-enunciador, pela construção antecipada do seu espaço enunciativo, construindo-o como localizador modal da relação predicativa.

Diferentemente do emprego estritamente assertivo de um enunciado (que transmite o valor de certeza, sob a forma positiva ou negativa), a interrogação constrói no enunciado um valor que se associa à *totalidade* do domínio de validação da relação predicativa, compreendendo portanto o Interior, a Fronteira e o Exterior (referimos a subteoria da *bifurcação IE / I / E* representada em Culioli ([1988] 1990: 91-113; 1990: 83-90; entre outros). O enunciador da pergunta posiciona-se portanto fora do domínio (e não no seu Exterior), na posição **IE**, mas aí poderá pré-determinar a orientação (para I ou para E) que a resposta validará.

Ora podendo a interrogação marcar a orientação da relação predicativa subjacente, direccionando a sua validação em sentido para o Interior (ex.1) ou para o Exterior do domínio (ex 2), a interrogação revela por isso diferentes tipos (e para cada tipo diferentes

graus) de interdependência entre o enunciador e a relação predicativa subjacente ao enunciado. É aqui que se coloca o problema das tipologias da interrogação.

É certo que as tipologias permitem um "ordenamento" que em termos metodológicos só traz vantagens. Mas no estudo da interrogação verificámos a impossibilidade de estabelecer fronteiras rígidas, também ao nível das tipologias.

Para além do exemplo mais esclarecedor deste facto (que corresponde à dificuldade em estabelecer a "fronteira" entre uma interrogação retórica e uma asserção, podemos ainda e como refere Diller (1980), apontar a dificuldade em estabelecer a diferença entre algumas exclamativas e interrogativas, como será o caso de: "Ainda estás aí?")

De facto, que diferenças se poderão encontrar na equivalência que em contexto pedagógico se pode estabelecer entre uma pergunta total e uma pergunta parcial múltipla, como acontece na seguinte troca enunciativa, retirada de um contexto pedagógico?

Profes.: então Sofia és capaz de me explicar esta conotação do nome Aurora?

Sofia: explicar o quê?

Profes.: porquê e para quê se chamou ela Aurora?

Neste contexto, a pergunta total (de sim/não: "és capaz de ...?"), corresponde àquilo que Kerbrat-Orecchioni (1991: 15) apelida de "*fausse fausse question*" uma vez que, ao contrário da interrogação retórica ("*vraie fausse question*") que não admite resposta, esta pergunta exige-a, mas ao construí-la, o enunciador usa uma estratégia linguístico-pedagógica, em que poderá estar implícito, na forma de pré-construído não verbalizado, que o aluno "é capaz".

Esta metodologia não directiva e de encorajamento originará a interrogativa total - "és capaz de me explicar esta conotação do nome dela Aurora?", em vez de um enunciado assertivo (p.ex.: "explica o valor conotativo do nome Aurora") ou mesmo de uma interrogativa parcial em que directamente se exige ao segundo enunciador o preenchimento dos argumentos que na interrogativa estão por validar.

Sabemos como esta pergunta total teria valor negativo (equivalendo a "não és capaz de ...") se se tratasse de uma interrogação retórica. Neste exemplo pretende-se, sobretudo, obter do aluno a resposta à pergunta "verdadeira": "por quê e para quê se chamou ela Aurora?". De facto é esta a pergunta que o Professor acaba por formular, depois da interrogativa de "eco" que a aluna constrói, esclarecedora da informação de que necessita.

O estudo da interrogação coloca, de facto, a necessidade de se saber observar o deslumbramento da capacidade de "camuflagem" que a mesma comporta: interroga-se, afinal, para afirmar e para negar.

Partimos assim do princípio de que o estudo da Interrogação, integrado no estudo da enunciação, pressupõe a necessidade de analisar a actividade modalizante do sujeito enunciador.

Ora uma vez que a linguagem conserva a marca das operações realizadas em produção por um enunciador, depreende-se facilmente que, para Culioli (1991-92: 7), um enunciado

é um acontecimento que através do agenciamento de marcadores que o materializa, ajusta as representações de um locutor a um interlocutor.

E é neste ajustamento que se constroem "subtilezas" de que a interrogação, na sua complexa diversidade, pode ser marca.

O que levará um enunciador a escolher um enunciado interrogativo? Sabemos que não o faz unicamente quando pretende obter uma informação que não possui...

E porque escolherá "afinal, fizeste a composição?" em vez de "fizeste ou não fizeste a composição?"?

Estas interrogações correspondem, de facto, a um desafio - o de tentar responder, explicando e descrevendo, quais as operações e valores subjacentes a enunciados interrogativos em que ocorrem determinadas partículas modais.

Sabemos que apesar de não validar a relação predicativa, o sujeito enunciador de uma interrogação poderá, nesse enunciado, construir a sua orientação no domínio de validação correspondente (para I ou para E).

Ao direccionar a validação da relação predicativa subjacente ao enunciado para o Interior ou Exterior do domínio, pressiona o seu co-enunciador a assumir, num outro espaço enunciativo, a validação pretendida.

Ora, perante a diversidade de *attitudes modais* (Lopes, 1971: 204) que pode tomar o sujeito enunciador da pergunta, pode também acontecer que seja determinante para o valor da interrogação, a ocorrência, a nível do enunciado, de determinados valores, como é o caso daqueles construídos por *partículas modais* (que funcionam como marcas do sentido negativo, positivo ou outros valores modais, que o enunciador da pergunta constrói na interrogação e poderá querer fazer imprimir na resposta do segundo enunciador).

Entendemos "partículas" em sentido lato, reagrupando nesta designação "preposições", "advérbios", "conjunções" e "interjeições", tal como o fazem Jespersen (1924: 87), Cunha & Cintra (1984: 548) e Campos (1991: 185), entre outros.

Da pesquisa bibliográfica que fizemos para o estudo destas partículas, chegamos à conclusão que as gramáticas tradicionais as estudaram indiferenciadamente em conjunto com os advérbios e conjunções e que, ainda hoje, em muitos casos, assim permanece.

Esta confusão tradicional com os advérbios foi, no entanto, já avaliada em redimensionada em alguns autores (Said Ali, 1927; Cunha & Cintra, 1971), que consideraram mais adequado respeitar o subgrupo das "palavras expletivas ou enfáticas" ou ainda "expressões de situação" (Ali, 1930: 49-83), ou então - dada a heterogeneidade considerável desses elementos e, até, a dificuldade de classificação daí decorrente - o das "palavras de classificação à parte" (Cunha & Cintra, 1971: 251).

Entre os gramáticos e linguistas modernos nota-se a tendência ampliada em reexaminar o conceito tradicional e em considerar as particularidades linguísticas destas partículas (Lopes, 1971; Campos, 1984b; Mateus et alii, 1989; Fonseca, 1994; entre outros).

Não nos debruçaremos sobre estudo específico dos valores subjacentes às partículas modais, em comparação com os advérbios de frase e as conjunções. O nosso interesse, já o

referimos, prende-se unicamente com o estudo do valor que a interrogação vai adquirir em coocorrência com estas partículas.

Curiosamente, a própria interrogação funciona como um dos mecanismos que ajuda a estudar essa diferença atrás referida:

Profes.: o Abílio foi ao Conselho Directivo?

José L.: provavelmente...

: * afinal

: * ou

Constatamos que ao nível das representações linguísticas (nível II), as partículas modais não admitem, por si só, a constituição de respostas a interrogativas totais. De facto, exceptuando o caso dos "advérbios", que têm valor de asserção (condição necessária à resposta a uma interrogação), as restantes partículas modais não podem ocorrer, isoladamente, com *valor epistémico* (Campos & Xavier, 1991: 339), *uma vez que não possuem valor de asserção*.

É com esse valor que o enunciador exprime o grau de conhecimento que (aparentemente ou não) possui, relativamente ao acontecimento construído, estabelecendo em relação à validação da relação predicativa uma distância maior ou menor. Quando, em relação à pergunta "o Abílio foi ao Conselho Directivo?" o aluno responde "provavelmente", o mesmo constrói, de facto, um valor assertivo em relação à validação da relação predicativa <ir, Abílio, ao Conselho Directivo>. Estabelece contudo uma distância, em relação a essa validação, distância que tanto poderá ser intencional (no caso de saber se o Abílio foi ou não ao C.D.), como esclarecedora do conhecimento que efectivamente possui em relação a esse acontecimento. Em qualquer dos casos, o aluno, enunciador da resposta, não assume inteiramente a validação da relação predicativa.

Ora, nenhum destes valores ou operações poderia ocorrer com outras partículas - "então", "afinal", ou outras, uma vez que, como já referimos, estas não possuem valor de asserção. Mas quando ocorrem em enunciados interrogativos, sem a validação, a nível do enunciado, da relação predicativa subjacente, apresentam, para além desta característica (não possibilidade de validação da relação predicativa, decorrente da ausência do valor de asserção), um outro valor que se relaciona intimamente com outra especificidade da interrogação. É que, ao interrogar, o enunciador espera sempre obter uma resposta; não responder seria, da parte do co-enunciador, recusar assumir o papel de segundo enunciador, num espaço enunciativo que, propositadamente, o primeiro enunciador construiu. Ora estes condicionalismos da interrogação determinam que se estabeleça uma *troca enunciativa* de que as partículas modais em análise, nos contextos enunciativos em que ocorrem, *são também marca*.

De facto, pela sua natureza organizadora do texto, estas partículas manifestam sempre uma troca enunciativa (de acordo, aliás, com o valor modal intersujeitos das interrogações em que ocorrem) já que surgem sempre como *marca de uma segunda ocorrência enunciativa*.

Valores particulares da interrogação em que ocorre "afinal"

A partícula "afinal" pode ocorrer em todos os tipos de interrogativas.

Cunha & Cintra (1984: 549) afirmam a dificuldade em classificar "*certas palavras*", nas quais incluem "afinal", "*por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, [...] mas sem nome especial [...] de classificação extremamente difícil*". Recomendam por isso o uso de "*palavra ou locução*" (idem: 549) que no caso de "afinal" denota "*situação*".

De facto, no processo de estabilização/desestabilização da actividade inter-enunciativa, "afinal" marca num enunciado interrogativo, a busca de uma estabilização.

Tomemos a seguinte troca enunciativa:

Profes.: estavam a filmar portanto isto era um estúdio era do cinema não tem espectadores - ó Agostinho tu achas que se tivesse espectadores era diferente? primeiro se tivesse espectadores onde era?

Agost.: era um espectáculo

Fern.: era no hotel

Renato: era no circo

Agost.: no palco sei lá

J.Pedro: era na rua

Profes.: sch calma era no palco era na rua era no circo afinal no que ficamos?

Franckel (1989: 122-124) estuda os valores de "finalment" a que fazemos equivaler a partícula "afinal". Refere este autor que "finalment" é frequentemente etiquetado de "conector discursivo". De facto, no enunciado interrogativo em que ocorre, "afinal" é antecedido pela referência enunciativa a um percurso de uma classe de valores - "no palco, na rua, no circo", que podendo eventualmente instanciar o lugar vazio na resposta à pergunta "se tivesse espectadores onde era?", o não poderão fazer concomitantemente. Estas sucessivas validações construídas nas respostas consecutivas (e nocionalmente incompatíveis) dos alunos, marcam um vaivém não estabilizado entre esses mesmos valores.

"Afinal" marca uma fronteira. Marca, na interrogativa, o fechamento de uma troca enunciativa anterior (respostas consecutivas dos alunos, cujos valores de verdade não são legitimados). Neste enunciado, a repetição das respostas dos alunos ("era no palco era na rua era no circo") tem um valor avaliativo, reforçado pela ocorrência de "afinal" que marca *o final* desse percurso de hesitações (não estabilizado num único valor). É neste valor que Machado (1977: 131, vol.I; 53, vol.III) situa o marcador: "*de final [...] relativo a limites; que limita; final*". O enunciador retoma as respostas dos alunos e desconstrói as mesmas, colocando-se novamente em IE. Neste enunciado interrogativo - "afinal no que ficamos?", "afinal" projecta a construção de um outro valor: determina a necessidade (obrigação) da estabilização sobre um desses valores - "*la bonne valeur*" (Franckel, 1989: 66) no espaço enunciativo que a interrogação prévia e propositadamente constrói. Caberá agora aos alunos responder correctamente.

Se reconstituirmos o percurso da troca enunciativa teríamos as seguintes fases:

- 1º construção de "se tivesse espectadores onde era?" o enunciador coloca-se em IE e aguarda a validação pretendida (a entrada em I - o "bom" caminho),
- 2º construção de respostas sucessivas, sem estabilização do valor esperado,
- 3º como se não verificou a situação esperada, o enunciador constrói uma nova interrogação: "afinal no que ficamos?". Coloca-se novamente em IE e com a ocorrência de "afinal" garante o final ou o fechamento da situação enunciativa anterior, em que a estabilização não foi construída. Aguarda com maior probabilidade de sucesso o valor pretendido: "*afinal*" marca a busca de estabilização sobre um desses valores.

"Afinal" pode aceitar a co-ocorrência de outros marcadores, mas encontra-se associado, de forma privilegiada, a empregos que marcam uma ocorrência enunciativa precedida de hesitações (Franckel, 1989: 123), como é o caso de:

Profes.: afinal o teste foi difícil ou não?

"Afinal" implica que anteriormente houve um percurso não estabilizado sobre os valores <ser difícil> e <não ser difícil>. Ao ser construída a ocorrência de "afinal" no enunciado interrogativo, o enunciador pretende que o seu co-enunciador escolha o caminho com estabilização. A partícula "ou" instaura as hipóteses desse quadro de validação: I (ser difícil) ou E (não ser difícil).

"Afinal" pode ser glosado como "no fim de contas", "depois da experiência" e presume-se que neste caso, o "bom" caminho seja o caminho para E: o professor pretenderá, por parte dos alunos, a confirmação de que o teste não foi difícil, apesar das dúvidas e hesitações daqueles face ao grau de facilidade do teste.

Termino com a conclusão comum ao final das etapas por que tem passado esta não recente pesquisa sobre a interrogação: o seu estudo continua a ser um apaixonante desafio.

BIBLIOGRAFIA

- BERNARD, G., 1992 "Formalisation dynamique des relations prédicatives" in *La Théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 163-183.
- CAMPOS, M.H.C., 1994 "Abordagem Semântico-Enunciativa de Alguns Problemas Gramaticais", *Máthesis* 3, Faculdade de Letras de Viseu da Universidade Católica Portuguesa, 137-150.
- CAMPOS, M.H.C. & M.F. XAVIER, 1991 *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, U.A.

- CULIOLI, A., 1971 *Définitions de quelques termes en linguistique, Extraits de l'Encyclopédie Alpha*, Paris, Université de Paris 7.
- 1990 *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys.
- 1992 "Ouverture" in *La Théorie d' A. Culioli: ouvertures et incidences*, Ophrys, 3-15.
- CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L., 1984 *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa.
- DILLER, A.M., 1980 *Etude des actes de langage indirects dans le couple question-réponse en français*, Doctorat de 3^{ème} cycle, Paris VIII.
- JESPERSEN, O., 1924 *The Philosophy of Grammar*, London, George Allen & Unwin, Ltd.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. et alii, 1991 *La Question*, Presses Universitaires de Lyon.
- LOPES, O., 1971 *Gramática Simbólica do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MACHADO, J.P., 1977 *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- MATEUS, M.H. et alii, 1989 *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.
- MILNER, J. & MILNER, J-C., 1975 "Interrogations, Reprises, Dialogue" in *Langue, discours, société -Pour Emile Benveniste*, Paris, Seuil, 122-148.
- MILNER, J-C., 1989 *Introduction à une science du langage*, Paris, Seuil.